

## A HORA E A VEZ DOS TABLETS

(07-02-2014)

**Luis Roque klering\***

Nas décadas de 1960 e 1970, os computadores eram muito grandes, e ocupavam salas inteiras; na PROCERGS, onde trabalhei como analista de sistemas entre 1975 e 1989, tínhamos dois grandes computadores ou “mainframes”, como eram chamados: um Burroughs 6700 e outro Burroughs 6900; com os equipamentos de gravação de fitas e discos fixos, os dois ocupavam uma sala grande, de cerca de 150 m<sup>2</sup>; a sala era refrigerada, e os computadores funcionavam 24hs por dia e 7 dias por semana. Cada um custava vários milhões de dólares. Por volta de 1988, a PROCERGS fez uma grande festa de comemoração pelo fato de ter alcançado 1 GB de memória em disco; hoje qualquer pentdrive tem mais do que isso. Na época, os códigos-fontes dos programas eram gerados em cartões; havia programas com vários milhares de cartões perfurados; mas se um fosse lido erradamente pela máquina de leitura, toda “caixa” de cartões precisava ser lida e processada de novo.

No início da década de 1980, surgiram no Brasil os famosos microcomputadores TKs; tinham um formato semelhante a um gravador (da época), e gravavam os códigos-fonte dos programas em fitas-cassete; problema recorrente dessa tecnologia ocorria quando o equipamento teimava em não reconhecer os códigos gravados; dependendo da importância do programa gravado, gastavam-se horas tentando fazer o equipamento reconhecer o que estava gravado.

Em 1989, no início do meu doutorado em Administração na USP, comprei meu primeiro microcomputador e impressora; custou cerca de U\$ 5 mil (R\$ 12 mil em valor de hoje). O winchester (disco de dados) tinha capacidade para 10 megabytes (100 vezes menos que um pentdrive de 1 Giga atual).

Nos anos seguintes, os desktops evoluíram bastante em termos de capacidade de processamento e de espaço físico em discos. Após os winchesters de 10 Mb, surgiram os de 20 Mb, depois de 30 Mb; numa escalada crescente, sendo que os microcomputadores atuais possuem discos com mais de um terabyte.

Os microcomputadores de mesa (ou desktops) foram evoluindo, até surgirem por volta de 1993 os primeiros notebooks; eram bem mais caros que os computadores de mesa.

Em 1993, também surgiu o sistema operacional Windows-95, com aparência gráfica e possibilidade de uso de mouse; o primeiro mouse que adquiri custou U\$ 80,00 (cerca de R\$ 200,00 em valor atual).

A grande novidade surgida em 1995 foi a internet e o uso do correio eletrônico para a comunicação. Adquiri meu primeiro “kit de comunicação” VIA-RS naquele mesmo ano, da Procergs.

Em 1999, surgiu a primeira Câmera Digital (DC-500) com a qual se podia tirar e guardar até 8 fotos. Desta maneira, foram feitas as primeiras documentações da Expointer, no site [www.terraGaucha.com.br](http://www.terraGaucha.com.br).

No início do novo milênio, foi a vez da febre dos sites; era importante reservar domínios junto ao Registro.BR. Nessa época, reservei e criei os sites [www.terraGaucha.com.br](http://www.terraGaucha.com.br), [www.wcams.com.br](http://www.wcams.com.br), [www.raizesdosul.com.br](http://www.raizesdosul.com.br) e outros, de modo geral ligados a assuntos do Rio Grande do Sul, ou a cidades.

A partir de 2010, os notebooks se tornaram menores e mais leves, assim como também mais baratos; na época, foram introduzidos os netbooks (sem equipamento de gravação de CDs e DVDs), bem como ultrabooks (finos e leves).

Nesse meio-tempo, uma nova novidade passou a fazer parte do cotidiano da nossa sociedade: dos celulares que funcionam de forma inteligente (chamados de smartphones), acessando inclusive a internet. A enorme vantagem dos mesmos é a mobilidade; a desvantagem, suas limitações de processamento e de uso, especialmente pelo pequeno tamanho dos seus visores. Os celulares mais modernos, como o Samsung S5, já tentam superar esses desafios, apresentando maior capacidade de processamento e telas maiores (de 5 polegadas); mas são ainda muito caros (custam cerca de R\$ 2 mil).

Agora, bem recentemente, a grande novidade ou “coqueluche” (especialmente dos jovens) são os tablets, um misto entre notebooks e smartphones. O mais popular e melhor dos tablets é o Ipad da Apple,

com tela de 14 polegadas e boa capacidade de processamento. Da mesma forma como os smartphones, os tablets estão popularizando o uso dos equipamentos por “toque” (ou “touch”), ao invés do mouse; se caracterizam pela pequena capacidade de armazenamento de dados em discos próprios (porque esses devem ser acessados ou processados nas “nuvens”, ou seja, em qualquer lugar-provedor do mundo, e não nos equipamentos próprios); destacam ícones (pequenas imagens) como sendo guias para os acessos: à internet, às redes sociais como Facebook e Youtube, a sites de músicas e imagens, à câmera para tirar fotos etc. A grande vantagem dos tablets é sua mobilidade; tem um formato de livro; não tem fios; são mais robustos (ou menos sensíveis) que os notebooks; e de fácil manuseio (os menores cabem no bolso); e são relativamente bem mais baratos. Há modelos que custam ao redor de R\$ 250,00. Os tablets se prestam para uso fácil em qualquer lugar: num ônibus para leitura de livro ou escuta de música, num sofá, num parque etc. A restrição é que, para acessarem materiais na internet, precisam estar conectados por alguma estação ou roteador de Wi-Fi, ou por conexão de celular. Outrossim, por serem menores e mais finos, não comportam leitor de CD/DVD, tem muito pouco espaço para salvar arquivos (como de músicas) e eles tem uma capacidade de processamento menor que os notebooks, embora todos tenham normalmente capacidade acima dos computadores de 5 anos atrás (1 gigahertz). Em relação aos telefones celulares, a grande vantagem é que tem preços menores e tem telas maiores. Mas há uma tentativa de convergência entre os celulares mais modernos e caros (como o Samsung-S5) e os tablets.

Por isso, pode-se dizer: para acessar a internet, correio eletrônico, redes sociais, fotos, músicas, vídeos etc. de forma fácil e prática, nada melhor que um tablet. Eles tem grande mobilidade e boa portabilidade: podemos levá-los de um lugar a outro no próprio bolso ou bolsa. E são mais baratos e mais robustos (estragam menos) que um notebook. Mas se alguém é mais exigente, quer trabalhar com arquivos, dispor de visor maior, ou ter equipamento com maior capacidade de processamento, que leia CDs e DVDs etc. então convém optar por um notebook. E se tiver vontade e condições, sugere-se optar pelos dois ao mesmo tempo.

\* [Luis Roque Klering](#) – professor da Escola de Administração da UFRGS.

=> **Outros artigos de Luis Roque Klering: [veja aqui.](#)**